

OTAIAD



Gaiato

PORTE
PAGO

Quinzenário * 8 de Outubro de 1988 * Ano XLV — N.º 1163 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Calvário

Todos os dias um rosário — ao telefone, por carta e de viva voz. Rosário de amarguras. Os passos vacilantes dos «Cristos» com a cruz.

O coração dói quando não podemos dar a todos uma palavra de esperança.

A esperança nasce da fé. Sim, talvez, nos falte a fé viva — única fonte daquela. Que o Senhor a aumente.

Que resposta?:

Ao casal de velhinhos, ele com 82 anos; ela, sem uma perna... Não têm família e os amigos cansaram.

Temos lugar e comida. Mas quem os irá amparar em todas as horas do dia? «O Senhor providenciará...» Devo dizer e acreditar.

Ao rapaz diminuído a quem faltou o pai e não tem mais ninguém. Vieram os vizinhos: «Que nem sempre estão em casa; que há dias não; que ninguém o lava».

Ao mongolóide que vive com o pai, mas a este deu uma trombose. «Situação aflitiva» — diz-nos um vizinho ao telefone.

A um jovem de 15 anos. A família não o quer. Repele-o. O Hospital não pode por mais tempo. Considera-o curado e diz-nos que ele precisa de um canto que o acolha e ame. Po-

rém, ele rejeita o acolhimento e o amor. Quer ir. Não quer estar. Não quer trabalhar. Não reza. Deus não se zanga. Chegará a sua hora. Falta-nos esta capacidade ou dom de esperar... Deus espera em silêncio, às vezes, uma vida inteira. Deve estar aqui o problema. Tem que haver uma vereda por onde se possa conduzir este jovem para o vale onde abunda o leite e o mel.

Ao velho abandonado daquela aldeia, com santuário lá num monte e forte romaria... Os foguetes imitaram uma guerra entre canhões. Centenas de contos! Tem Lar de idosos.

Para quem o Lar de idosos? Os Pobres e Deficientes não pertencem à comunidade? Por estes se deveria começar... Depois, os outros.

«Cada Paróquia cuide dos seus Pobres.» Uma verdade tão simples que todos aceitamos; na prática, porém, chutamos p'ra canto — é o termo. Somos tardos em pôr o Evangelho na vida.

Um Pobre não mancha o ambiente. Um Deficiente não o corrompe; antes, o eleva a alto grau de amor fraterno.

Padre Telmo

Hoje apetece-me chorar!

O choro é a única fuga de alma diante da impotência.

Este quadro contemplei-o, de manhã, quando o Ricardo, de dois aninhos, se pôs em pranto por não o levar comigo na camioneta. Eu não podia. Ele não entendia. Evadia-se, assim, num choro comovente. Era um choro de criança.

O meu é um choro de adulto que conhece as razões da sua dor e não descortina as da sua impotência.

Fui, há dias, notificado pelo tribunal «sob pena de aplicação da respectiva sanção legal», para conduzir à presença do «meritíssimo Juiz competente», a fim de ser admoestado, o José Ciriaco, «medida prevista na Organização Tutelar de Menores», «chamando a atenção do menor para a gravidade do acto que cometeu e para evitar, no futuro, a repetição por ele de condutas de idêntica natureza».

Se eu tivesse tempo para pagar na prisão a sanção legal, já que não tenho nem quero ter onde cair morto, e não quisesse ter com as autoridades judiciais a melhor relação, era agora que eu não cumpria as ordens do tribunal e me sujeitaria à decisão conveniente.

O Ciriaco tem atrás de si uma tragédia humana abissal.

Durante mais de um ano vagueou, dormindo num carro abandonado e pedindo pelas ruas, numa cidade algarvia,

SETÚBAL

com dez anos de idade. Entregue a si próprio, coberto pela piedade dos que dão esmola, pela maldade dos que exploram e pela negligência oficial dos que o deveriam proteger, fez o que todas as crianças e todos os homens fariam nas mesmas circunstâncias: **desmandos.**

Quando o Padre Américo proclamou «não há rapazes maus», não só evidenciou a capacidade natural de todo o homem para ser bom, mas também denunciou toda a malha de circunstâncias e negligências que podem corromper irresponsavelmente uma criança.

Quem devia ser advertido, por direito natural, que a O. T. M. não prevê, seriam, sim, os que permitiram que uma

criança, completamente abandonada, fosse presa fácil de todos os males. O direito natural está acima de todo o direito positivo. Ele é a fonte da Justiça!

■ A grávida dos três bebés, com dois filhos deficientes profundos, irmão doido, pai cego e mãe trôpega, encontrada por mim na cama, com uma tarefa do marido que não quer trabalhar, já deu à luz três meninos.

O leitor atento a esta coluna sabe que tomei conta de dois filhos normais com 5 e 6 anos. Fique também a saber que alguns cristãos se movimentaram, fizeram limpeza à casa e têm amparado a família.

Cont. na 3.ª página

Política económica e dignidade do Homem

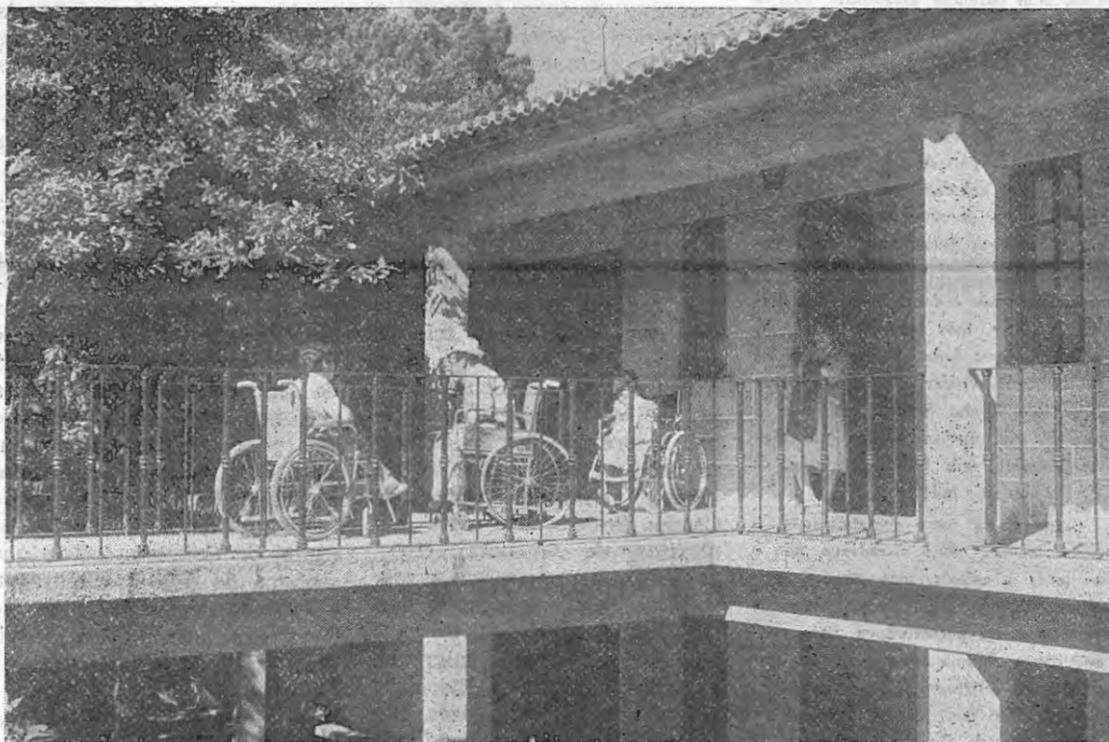
Foi assim que o Doutor Manuel Carlos Lopes Porto intitulou a sua intervenção nas Jornadas de Teologia, em Coimbra, 1987. Vou tentar resumí-la.

Perante a dimensão gigantesca dos problemas de subsistência que afectam o Homem, a sua dignidade, sobretudo nos lugares e países onde o sub-desenvolvimento impera, generalizou-se a convicção de que a iniciativa individual não tinha qualquer expressão como resposta; que só a nível de Estado ela seria possível. Muita gente ainda assim pensa e se comporta. Mas hoje o pensamento é diferente. Todas as pequenas acções convergentes para aquele fim são valorizadas. Procura-se mobilizar os cidadãos para empreendimentos naquele sentido, de modo que todos se sintam responsa-

bilizados neles e neles participem. O mundo melhor, mais justo, mais fraterno, mais pacífico, por que se anseia, é obra de todos os homens e cada um tem nela o seu papel insubstituível. Não há lugar para passivos; todos somos chamados a agentes do desenvolvimento que urge.

É que o problema não reside apenas, ou principalmente, na má repartição dos bens, mas numa real carência de recursos que têm de ser diligentemente procurados, melhor aproveitados, mais reproduzidos pelo engenho e pela vontade firme dos homens. Daí que o desenvolvimento não é função somente de valores económicos, mas de outros, de natureza cultural e institucional. E o primeiro «capital» para o rea-

Cont. na 4.ª página



«Não há vidas que se queiram dar a esta causa» — o Calvário? Devemos acreditar: «O Senhor providenciará...!»

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● O Pobre que precisava d'óculos, está servido! Levou um cartão ao Adão Oculista (Porto) e volta como um sino — exuberante!

— *Trataram-me com carinho. Uma senhora (é doutora?) viu os olhos, apontou e desci à balcão. Toda a gente m'atendeu bem e estivemos p'ra lá a conversar... Vão mandar os óculos pelo correio!*

Nuina segunda-feira deste cáldo Setembro, mais três encontros salu- tares:

O oculista: «Esteve em nossa casa o sr. F, a quem oferecemos os ócu- los de que precisava».

Depois, o primeiro cireneu que ho- tou a mão ao Pobre (que então des- conhecia) comunica, feliz, a recepção da encomenda.

À noite, topamos o contemplado. No abraço, embacia as novas lentes... Lágrimas do coração!

— *Vou agradecer àqueles senhores... Já agradecemos!*

Um acto de justiça sublimado na Caridade cristã!

Poderíamos ser mais discretos. Mas, a luz (do comerciante, do primeiro cireneu) precisa de ficar sobre o al- queire, à semelhança da atitude do Senhor Jesus perante o Óbulo da Viú- va.

● Servos de quem precisa, em nos- sas mãos caem muitos problemas. Das viúvas, mães solteiras e idosos, às desgraças que abalam famílias re- mediadas — enleadas na cruz da vida.

Uns, por doença grave, já não têm quê para remédios na botica... Ou- tros, que tampouco sabem escrever o nome próprio (são muitos no meio rural!), peroram «uma carta prà Caixa» ou o preenchimento de pape- lada burocrática. Outros, ainda, por salários em atraso, pelo desemprego, pela ânsia incoitada de toparem um rumo na vida.

Era empregado de armazém, na cidade Invicta (por facilidades de transporte, uma parte da mão d'obra do Vale do Sousa trabalha no Gran- de Porto). Deixa de receber salários. A empresa, onde o trabalhador exer- cia a profissão, abre falência. Então, a família passa a depender economi- camente dos parentes. Ainda se mete na biscatada, sem resultados mate- riais. Definha psicologicamente! En- fim, nem se inscreveu, oportunamente, no Fundo do Desemprego; mas já abrimos caminho...

Mais: É uma senhora idosa. Muito doente. Pede que expressemos, algu- ras, a defesa do seu presente e futuro. Horas dramáticas! Vítima da solidão, acentua dificuldades e os votos de quem a socorra «até à fim». A avo- zinha despede-se, por fim, mais cal- ma, num mar de lágrimas — de Es- perança. E olha a Morte com sereni- dade. «Precisamos de ter quem nos acuda... nas horas más!»

PARTILHA — Vinte dólares ca- nadianos e um riquíssimo testemunho: «É com os olhos postos na Graça de Deus que envio esta simples im- portância, ganha por um filho de de-

zasseis anos, que teve o seu primeiro trabalho durante as férias. Peço uma oração por ele e por todos os jovens da sua idade — que em tanto perigo estão, neste mundo de sujidade, vio- lência e droga.»

Amor maternal!
«Uma lisboeta» — assinante 27385 — manda 5.000\$00 «para a nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus»; e acrescenta: «Não somos irmãos em Cristo, neste mundo atribulado!? Peçamos ao Criador, nosso Pai Santo, mais fé, muita coragem...!»

Assinante 49647 pede livros de Pai Américo e destina «a migalha exce- dente para auxiliarem alguém aflito» — pelas almas de familiares.

Fundão, o costume: 4.000\$00. As- sinante 1410 — com a amizade da primeira hora — mais um óbulo va- lioso e oportuno. Assinante 19177 traz, na mão, 800\$00 para a Confe- rência de Paço de Sousa; e afirma: «Cá estou, como sempre, e oxalá por mais alguns anos». Assim seja!

O Sonnemberg recebeu um discreto sobresorito, à porta da igreja da Trin- dade (Porto), capeando dois contos — sem mais quê — dum anónimo. «Avó de Sintra» persevera com um cheque de quatro contos «para a Fa- mília do costume»; e esclarece: «Sei que não escrevo nas linhas porque infelizmente já não vejo, nem mesmo o que escrevo». Mas diz tão bem!

Assinante 21851 recorta uma nota publicada nesta secção e apenas mil escudos. Metade, de Vilares (Vila Franca das Naves), como habitual- mente. E mais um conto de réis, da assinante 9811: «Pequena migalha para a Conferência do Santíssimo No- me de Jesus, em acção de graças pela passagem de mais um ano de vida. Setenta e sete que a Senhor nosso Deus me deu. Dou sempre graças também ao nosso Jesus, no sacrário; e à Virgem Mãe».

Agradecemos — em nome dos Po- bres.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

ANO LECTIVO — As aulas já co- meçaram!

A Primária, dentro da nossa Casa, tem cinquenta e tal crianças. O Hugo, que já não é o «Batatinha» mais novo, também começou.

No Ciclo Preparatório, até aos dé- cimos anos, de dia, na Cooperativa de Ensino de Coimbra, e mais um no 2.º ano do Ciclo Preparatório do Sto Teotónio, somam trinta e tal rapazes.

De noite, em Miranda do Corvo, estudam quatro: dois no 1.º e dois no 2.º ano do Liceu.

Todos avançaram, entusiasmados, a aproveitar esta oportunidade. É pre- ciso força e perseverança. E Deus os ajude a não desanimar!

VENDA DO JORNAL — Com a ida dos novos, como estudantes, para Coimbra, houve que substituí-los por outros elementos na distribuição d'O GAIATO.

Na Beira, ficaram «Alpedrinha» e Bruno (da Bica) a substituir o Pe- dro Miguel; em Figueiró dos Vinhos, o «Bolachinha» pelo Bruno («Remé-

dios»); em Castelo Branco, o «San- to» pelo Carlinhos, o Paulo Roberto pelo «Ricalhaço»; na Covilhã, o Car- los Lopes pelo Jorge Guedes; no Fundão, o «Casaco» pelo Luis Ga- briel; e em Proença-a-Nova, o Rui (da copa) pelo Filipe.

RETIRO — Os maiores de 16 anos reunimo-nos no Lar de Coimbra, na companhia do Padre João, de Castelo Branco.

No primeiro dia centrámos a re- flexão no tema: «A procura de algu- ma coisa na nossa vida». No segundo: «Qual a nossa vocação de Fé e de Vida?». «Vocação do homem a ser pessoa. O que é ser pessoa?». «Deus fez a Criação a pensar no homem.»

— O que é ser cristão?
— Onde venho?
— Quem sou eu?
— Qual o meu destino?
— Qual o meu lugar?
— Cristo vive hoje ou não vive?
Meditámos, ainda, na vocação a um estado de vida: A vida laical; a vida religiosa missionária; a vida presbi- teral.

Qual a maneira de saber a nossa vocação?

— Encontro frontal com Cristo;
— Consciência de Igreja;
— Coração aberto.
Por fim, a celebração Penitencial e Eucarística.
Que todos aproveitemos!

Guido

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRAN- CISCO DE ASSIS — Nas visitas aos nossos Pobres apercebemo-nos de quan- to sofrem, tanto na parte espiritual como na material. Vivem em péssimas condições. Depois, o ambiente fami- liar é fraco ou porque os pais, tal- vez pela educação que tiveram e mar- cados pela vida, não ligam muito aos problemas dos filhos. E, como não lhes bastasse a sina de serem po- bres, têm alguns filhos atrasados. Uns, pela carência alimentar; outros, por ataques de meningite quando bebés, mas que ficaram marcados para toda a vida. No meio de tudo isto, é triste quando apelam às Jun- tas de Freguesia ou às Caixas de Previdência porque o abono não veio; e colocam uma barreira exigindo-lhes documentos, mas não se preocupam em perguntar a sua situa- ção social.

Já referimos o facto numa das nos- sas crónicas, mas também no J. N. o Arq.º Lima Lobo escreveu que foi pessoalmente visitar o prédio na Rua Francisco Rocha Soares, contando o que lá viu, apelando para que algo de benéfico seja feito. Até hoje, os apelos têm sido inúteis!

Como é do vosso conhecimento, a nossa missão, como vicentinos, não é só levar a esmola, mas crescer espiri- tualmente pela Caridade; pacientes e com muita perseverança para con- seguirmos alguma coisa a fim de atenuarmos o sofrimento do nosso seme- lhante. Por isso, somos mensageiros da Palavra de Deus e portadores da amizade. No entanto, o mais impor-

tante é ouvir com muita atenção e ir ao encontro dos seus problemas, porque os Pobres têm necessidade de quem os ouça.

Nas reuniões apercebemo-nos das carências existentes. Queremos aten- der a todos, mas é impossível! Uns pedem casas condignas; outros, que os ajudemos na colocação de tectos, porque estão podres e os ratos come- çam a andar pela casa, destroem as paredes e abrem buracos. Enfim, pre- tendem mais conforto: a casa re- tocada. No entanto, está prestes a ser dada uma solução ao mais urgen- te: a casa da D.ª Maria do Céu. A senhora só pede que não a deixemos passar outro Inverno naquele cubí- culo. Temos recebido bastantes dona- tivos. Bem hajam. Só nos falta con- firmar o terreno, porque, entretanto,

surgiu um contratempo; mas conta- mos, em breve, dar notícias sobre a construção.

DONATIVOS: Assinante 19177, 1.500\$; J. P. R., 5.000\$; anónima, 500\$; assinante 27022, 5.000\$; assinante 14165, 1.500\$; Lurdes, 1.000\$; assi- nante 1917, 1.300\$; assinante 23976, 5.000\$; anónima, de Loures, 10.000\$; assinante 21052, 10.000\$.

Donativos para a casa: Maria M. Machado, 50.000\$; M. M., 3.000\$; anónima, 5.000\$; anónima, 5.000\$; de um casal jovem, de Coimbra, Jorge e Mena, 12.000\$. Que Deus vos con- serve sempre desprendidos e prontos a dar a mão aos nossos Irmãos.

Bem hajam.

Um casal vicentino

TRIBUNA DE COIMBRA

«Abris, Senhor, as Vossas mãos e saciais a nossa fome.»
O nosso partilhar contas com os Amigos é, mais que tudo, um acto de louvor ao Sen- hor que abre as mãos nas nossas mãos e mata a nossa fome de alma e de corpo, fome que só Ele é capaz de saciar.

Louvar ao Senhor por todos aqueles com quem nos encon- trámos nas igrejas da Praia de Mira, Figueira da Foz, Curia e Tamengos e puseram suas mãos nas nossas sacas e nas nossas mãos. Louvar o Senhor por tantos Amigos: Senhora, de Coimbra, com dez mil; Enge- nheiro com vinte; alguém com dois mil; mãe a lembrar o fi- lho com dez; quinhentos, em carta; dois mil e quinhentos, em vale; dois mil, de grupo de jovens, de Salgueiro do Cam- po; casal, de Meãs, com dois; de S. Sebastião de Penela, o mesmo; Amiga, com cinco; qua- tro, de promessa; os Vicentinos de Castelo Branco vieram passar o domingo connosco e trouxeram o almoço e muitos mimos e catorze mil; Amiga, da Covilhã, com cinquenta.

O grupo de Sazes, que veio, trouxe 17.650\$ e muitas coisas; alguém que deixou cinco mil; visitantes com mimos e mil e quinhentos; mil, levados ao Lar; aqueles que têm apareci- do para ajudar a construir cas- sas; o casal, de Cebolais, que não nos esquece; dez mil, de vizinha; vinte, de família como a nossa; vinte, da Lousã; Ami- ga, de Mira; Amiga, de Pom- bal; empregada doméstica, ago- ra na sua aldeia; mil, de sa- cerdote; dez, de Amiga, de Castelo Branco; dois mil e quin- hentos, de Amadora; cinco, de sacerdote; quarenta e rou- pas, de casal emigrante; dez, em cheque; mais dois, do mes- mo modo; dez, de emigrante, na Suíça, pelo nosso Bispo. Já tem aparecido mais vezes. Ou- tro emigrante suíço com vale de cinquenta. Boa viagem.

Amigo veio com trinta; ou- tro, com quinhentos; carta por alma do marido; três, pelo cor- reio; Amigo, de Anobra; cinco, de Coimbra; cento e cinquenta, de três irmãs, da Serra, respon- dendo ao apelo do «Amigo do Povo»; cinco, de Senhora, de Anadia; mil, de senhora, de Montemor; cinco, de Lisboa; mil, de Coimbra; dez, de Cara- col de V. N. do Ceira; dois mil, nos anos da filha; dez, de Coim- bra; mil e noventa, no anivers- ário da morte da mãe; dois, de Amiga, de Soure; cinco, de Coimbra, mais dez, mais dois; cinco, na Praia de Mira; três, na mesma terra; cinco, em nos- sa Casa; mil, a vendedor; cin- co, do pai; e o mesmo do fi- lho, ambos médicos, amigos de sempre.

Três mil, de Amiga, de Car- baços; lembranças dos tios no casamento do João Paulo; mercearia e outras coisas e 2.437\$ de grupo de Penacova; 725\$ em nossa Casa; mil, para oração no Altar; dez, de Amigos, da Figueira; 2.500\$, de Coimbra; mil, de S. Romão; dezasseis mil, de Amigos, em S. Pedro de Moel; dez, de visitante, emigrante; cinquenta, de irmã de sacerdote que o Senhor le- vou; vários grupos visitantes com suas migalhas; cinco mil e calçado, de Tortosendo; seis mil e medalha d'ouro, de Tro- viscal; 150 francos suíços, pelo nosso Bispo; oferta partilhada na igreja da Mealhada; 2.500\$ de senhora, da Lousã; senhora que nos vem ajudar, sempre que pode, traz sempre algu- ma coisa na mão; cinquenta, de Castelo Branco.

Amiga, de Chãs de Leiria; trinta, de Coimbra; 2.500\$ que senhora, de Alfarelos, entregou a Amigo; três, de Amigo, de Ovar, que passou; dez, de vi-



NOTAS DA QUINZENA

■ Estava na varanda da casa-mãe da Aldeia de Paço de Sousa com três visitantes. Pai Américo gostava deste lugar, donde podia admirar a maravilha que Deus ia realizando pelos seus passos. Ali, teve confidências profundas e simples com os seus rapazes. Daquela ponte de comando, mais facilmente se dava conta de que era «um impellido pelo Espírito»; de que a Obra não era dele, tal a desproporção entre a causa e o efeito. Passeando de um lado para o outro, ao fim da tarde, acompanhado por algum dos rapazes com quem botava as contas do rosário, amadurecia as regras que seriam o alicerce da Obra da Rua, para fazer de cada rapaz um homem!

Aquela hora, com os três visitantes, tendo como pano de fundo a beleza da natureza, no arvoredo e no granito das casas de habitação da Aldeia, ocupando os espaços escolhidos por mão de mestre, Pai Américo estava presente. A pincelada mais fina deste quadro era dada pelo grupo numeroso dos pequenos varredores das ruas, em plena actividade, manobrando com jeito ritmado as vassouras que juntavam, em montes, as folhas e o lixo recolhido, a seguir, pelos das padiolas. Que maravilha! Para quê falar? Para quê escrever? As testemunhas deste espectáculo sorriam de contentes. Mais confundidas, à medida que iam escutando a história de cada um. Momento de reflexão que há-de marcar o número das suas vidas, creio.

zinha; três, de S. Jorge. É de mãe amiga que vem muitas vezes. Vinte mil, «com um beijo de amor»; mil, de Coimbra; dois mil, da mesma terra; treze mil, de Amiga, de Castelo Branco; doze mil, em moedas que juntaram e vieram trazer. Tudo contadinho e empacotado. Quarenta, de Amigo; vinte e cinco, que senhoras vieram trazer; dez mil, de casal, de Castelo Viegas; cinco, de Amigo, de Vila Gorendo; mil, de Beja; oito mil, da Sertã, de muitas renúncias; mil, de visitantes, do Barreiro; dez mil, de Fiães.

Muitas caixas com calçado novo que sacerdote de Castelo Branco nos trouxe. Estamos a preparar-nos para o Inverno. Dois mil, que filha deixou a lembrar a mãe que partiu; três mil, de senhora, de Oeiras; dez, de Coimbra; cinco, de irmã de sacerdote; e muitas outras coisas que ficam escondidas e que Deus sabe.

Padre Horácio

«...A vida de trabalho deve seguir a par. A um dia de trabalho corresponde uma noite tranquila e sã. Cada rapaz tenha a sua obrigação e seja chamado a contas por ela.»

«...Nunca se ocupe o estranho em trabalhos que possam ser feitos por eles. O brío; a iniciativa; a personalidade — tudo procede daquela fórmula...»

«...A tendência da Obra é que sejam Rapazes os seus continuadores. Por isso mesmo, escolha-se o mais avisado e dê-se-lhe preparação...»

Muito simples. Muito claro. Muito difícil! As pedras da varanda da casa-mãe da Aldeia guardam, no silêncio, a oração, o esforço, as dores de parto de regras tão eficazes como originais, ao serviço da educação, na Obra da Rua.

■ Já que falamos em regras, há uma que é de ouro: estar cada um no seu lugar. A isto chama-se ser feliz. É que ninguém o pode ser doutro modo.

Esta nota foi inspirada na liturgia do passado domingo. Dentro duma comunidade — gostava de chamar família — há lugar para todos. Cada membro tem sua tarefa e não deve ficar de fora. As responsabili-

dades são diferentes. Assim como ninguém se deve escusar da sua, também se não deve impedir de participar nela.

Lembro-me daquela rapariga que, um dia, se cruzou comigo. Demo-nos a conhecer num instante. Tinha lido os últimos jornais de O GAIATO. Não mais descansou. Andava à procura do seu lugar e queria saber. Não se tratava de emprego e trabalho que já o tinha e bom. Nem tão pouco de fugir da família e do mundo a quem muito amava e de quem não tinha medo. Tratava-se, só, de estar no seu lugar.

Neste processo, que é a única maneira séria de estar na vida, vêm as interrogações: «Estarei no meu lugar? — Qual o meu caminho? — Onde é mais necessário o meu dom?»

Só olhando de frente o Senhor, sem baixar a cabeça, escutando a Sua voz e experimentando a loucura do Seu Amor, a resposta vem.

■ Aquele garoto que ficou lá fora, por ser pequenino demais, quando veio o «Balão», já chegou. São irmãos e chama-se António Miguel. Dou esta notícia com muita alegria, já que, antes, falara dele com pena de não o ver a acompanhar o irmão. Ainda vai fazer 5 anos. Mas apareceu um dedo feminino e ficou preso pelas mãos amorosas dos «Batatinhas». E já seguiram mais cartas a dizer que sim, pelo menos a dois casos que não podem esperar, um nadinha mais velhos, mas ainda na primeira infância.

É uma hora de Esperança!

Padre Manuel António



Cont. da 1.ª página

Que após a denúncia, a Assistência oficial se mexeu e promete apoiar os deficientes.

A mãe foi assistida numa maternidade oficial.

Recusou dar, para adopção, qualquer dos três filhos.

Ela não é bem normal. Nota-se facilmente, pelo menos, uma certa deficiência mental.

O progenitor não quer trabalhar.

As crianças não têm — por direito positivo — qualquer assistência

Estes três meninos estão condenados, inocentemente, por esta sociedade cega, a todos os riscos: à fome, à deficiência que ela provoca, à delinquência, aos tribunais e à cadeia. Tudo segundo as normas de um direito que não quer tirar os

filhos aos pais, para não tocar no princípio imutável e desumano em tantos casos: *partus sequitur ventrem* (o parto é do ventre que o gerou).

Os progenitores são senhores absolutos do fruto das suas entranhas. Se é verdade que a cada direito corresponde um dever, é também evidente que quem não pode ou não quer cumprir os seus deveres não pode exigir qualquer direito. Mas quem está na fonte dos acontecimentos? Na nascente das tragédias? — Ninguém.

É urgente que se crie um serviço. A Igreja devia ser pioneira. Ela que defende a vida, contra tudo e contra todos, devia erguer-se como Mãe dolorosa, diante da incapacidade oficial.

Que jamais algum tribunal humano pretenda sequer reprimir, daqui a onze anos, uma destas crianças. Não tem autoridade para o fazer.

Hoje, que há tantos casais competentes à procura de crianças, a sociedade comete um crime de lesa-dignidade humana permitindo situações como as descritas!

Nem que seja só para chorar — não me calarei!

Padre Aclio

DOCTRINA



Quem receber um pequenino em Meu nome, a Mim mesmo o faz.

Do Evangelho

● Mais uma família da Alta abriu as portas de sua casa a um garoto das ruas, com uma refeição diária. São famílias sacrificadas, dando sempre e para tudo, as que, ordinariamente, acodem ao nosso clamor; que as outras não fazem caso nem se lhes dá que os cães lambam as chagas dos Pobres, qual avarento do Evangelho. Sempre os mesmos, por toda a parte, repartindo alegremente do seu pouquinho e ajudando a cruz dos Irmãos que sofrem, a gente tópa estas famílias rentes à mesa da Comunhão — a fonte de Água Viva que Jesus revelou aos homens. O mesmo fazem moços de capa e batina e raparigas das juventudes.

● Quantas vezes não temos nós ouvido, da boca dos próprios doentes, actos de heroísmo verdadeiro que eles praticam sem dar fé disso, na simplicidade de quem cumpre um dever e nada mais, tal qual o moço do Evangelho que, no

fim do trabalho do dia, se cinge para servir seu amo, tendo-se na conta de servo inútil. Não sabemos quem eles são, nem tão pouco perguntamos; antes queremos admirar, silenciosamente, a vida dos que neste mundo sabem escolher a melhor parte, levando para a sepultura as obras que hão-de fazer história verdadeira, numa luz inconfundível de justiça e de verdade, quando o anjo vier ao mundo dizer que o tempo terminou e formar a Esquerda e a Direita, no espanto da Eternidade: quando Domine?!

● Dai-me mais portas abertas e mesas postas na copa de vossas casas. Salvais a vida das crianças famintas, adoçais a boca dos pais e talvez eles, pela vossa oaridade, venham a acreditar no Bom Deus que desconhecem e dizer o que dantes se ouvia aos que vinham dos deuses de Roma, rendidos pelo amor das Catacumbas: «Deixa-me ser teu irmão!» E ajudas (este) pobre a pagar uma dívida social às Classes pobres; dívida de todos, que, pelo muito que trabalham e sofrem, bem merecem o mínimo de conforto na vida.

● Se não acreditas que os garotos que te apresentam, passam fome em suas casas, toma um à tua conta e, no fim do mês, tira-lhe, nas bochechas, a prova real. As famílias que assim têm feito, dizem-me que a conta dá certa.

D. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 1.ª vol.)

CANTINHO DAS SENHORAS

NUNO MIGUEL — Tens, apenas, três anos. Vieste para a nossa Casa há ano e meio. Muito pequenino, as tuas reacções eram duma criança assustada. Lembro que nos primeiros dias recusavas os meus carinhos. Ultrapassaste essa fase e tens uma atitude oposta: Que seja eu («a mãe»...) fazer tudo o que precisas. Como não posso..., no teu egocentrismo andas um pouco desorientado.

Foste e continuarás a ser um dos meus «Becos do Moreno». Uma coisa, porém, me preocupa: Desde que começaste a arranjar brinquedos, preferes sempre uma «pistola»! Tudo o que é possível assemelhar-se a tal objecto, afirmas: «É uma pistola».

Há dias, andavas sozinho na brincadeira: «Pum... Pum...» Construíste uma pistola com pecinhas de logós e brincavas com ela. No colo, perguntei:

— O que estás a fazer?

— Ando a matar todos.

— Todos, Nuno...!? Então vais ficar sozinho?!

Tive medo! A linguagem duma criança de três anos...! O que leva esta e outras a falar e brincar desta maneira?

O Nuno está a despontar para a vida, a encontrar-se com o mundo que o rodeia — marcado pelas trágicas circunstâncias que o trouxeram para nossa Casa. Não teve sequer uma tenda para nascer e viver, até ao dia em que nos veio parar às mãos! Espancado e abandonado, foi parar ao hospital e de lá o trouxemos.

O Nuno, as crianças do mundo, nasceram para amar. Os grandes homens da História universal (da ciência, cultura, santidade...) foram crianças. Outros, que criaram (e criam)

Cont. na 4.ª página

AQUI LISBOA!

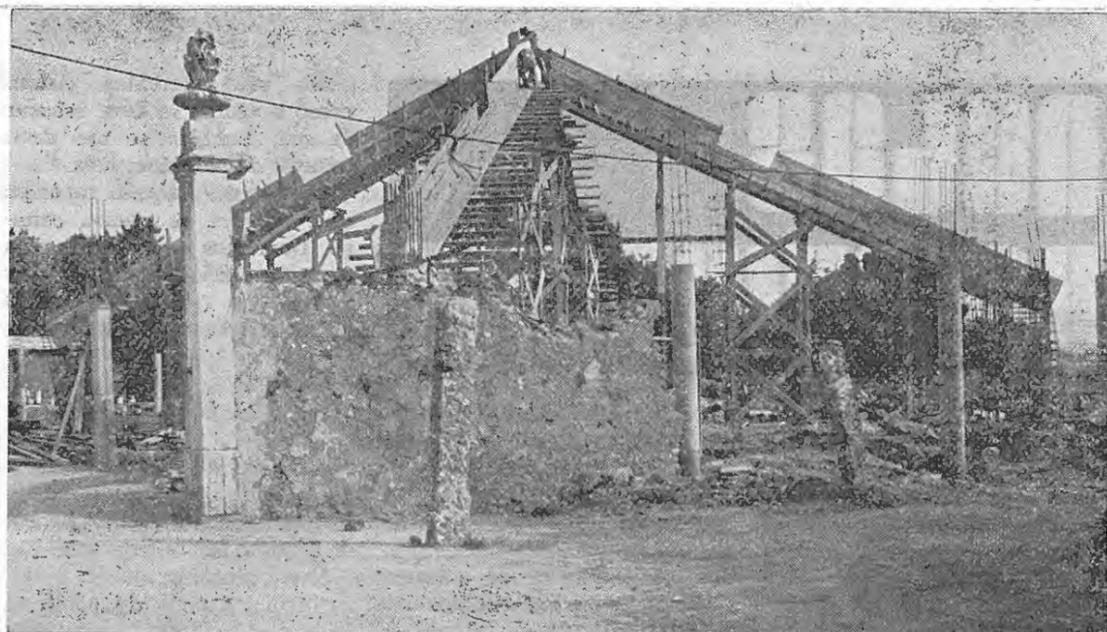
«As festas mundanas a que alguns chamam de caridade são uma injúria do homem ao homem.» (Pai Américo)

Frases, como a que acima é crónica de hoje, são correntes nos escritos de Pai Américo. Sabemos como repudiou sempre com veemência a multiplicidade de ofertas de angariação de fundos, através de rifas, tómbolas, chás e coisas quejandas. A «injúria» a que alude, reside essencialmente na incoerência e desproporção entre os fins em vista e os meios utilizados. Brincar com os Pobres é coisa grave, por sagrados que são. Dizer-se, pois, admirar a Obra da Rua e venerar respeitosamente a «memória do extraordinário Homem e Sacerdote que foi o Padre Américo», e não respeitar o seu pensamento, revela, quanto mais não seja, desconhecimento ou falta de lógica interna. Infelizmente, destes des-

conchavos está cheio o mundo inteiro.

Nunca nos escritos que aqui temos dado à luz se viu um ataque pessoal a quem quer que fosse. Denunciar com firmeza, lutar contra as injustiças, emitir opiniões, propor caminhos, isso sim. É a nossa missão, mesmo que não agrade a gregos e a troianos. De resto, se apreciamos a correspondência concordante recebida, que às vezes se pode tornar perigosa pelo excesso de bondade dos signatários, sentimos igual apreço pela que discorda do nosso pensamento.

Pai Américo, ao longo da sua vida terrena, apesar dos seus esforços e canseiras de bem-fazer, não deixou de receber cartas altamente insultuosas, apelidando-o de vários epítetos, como o de vaidoso e o de viver à custa dos Rapazes ou equivalentes. Em geral, as epístolas anónimas, depois de rasgadas, eram lançadas no



A Capela da Casa do Gaiato de Lisboa vai caminhando para se tornar realidade.

caixote do lixo, porque subprodutos da cobardia e da mesquinhez humanas. Todavia, num caso ou noutro, para fazer doutrina ou firmar as suas iniciativas, como foi, por exemplo, a edição do seu primeiro

livro, não deixou de aproveitar o ensejo de se lhes referir.

Por norma, o nosso procedimento, quando nos aparece qualquer escrito sem autor visível, é o cesto dos papéis. Como vendemos o papel velho, sempre vai acrescentar o seu peso... Hoje, porém, fazendo excepção, e tendo em conta um conselho ouvido de um antigo Professor Universitário, felizmente ainda vivo, de que é preciso aproveitar, se possível, para nosso bem e agir o que houver de útil nas coisas, mesmo mal equacionadas, aqui estamos a referir-nos a uma missiva anónima, a propósito do nosso escrito de há semanas, sobre festas e similares, onde os padres, em geral, são sancionados de alto a baixo, sem dó nem piedade.

O autor destas linhas lamenta

ta muito não ser o sacerdote que gostaria, na linha de Pai Américo, ao serviço dos mais desprotegidos, mormente dos Rapazes. Todos os dias se reconhece pecador e procura fazê-lo com sinceridade, porque a conversão tem um sentido dinâmico e nunca terá cabo. Por isso queremos aproveitar a «sugestão» que nos é dada: «Deixe-se de críticas ocas... e trabalhe». É isso que temos procurado fazer há mais de 30 anos, nem sempre com êxito ou eficiência, nas 24 horas de cada dia. Talvez, quem nos escreve *ex-cathedra*, nos pudesse exemplificar, para que conseguíssemos trabalhar mais e melhor... De qualquer modo, obrigado pelo conselho.

Padre Luiz

Política económica e dignidade do Homem

Cont. da 1.ª página

lizar é o próprio Homem: a sua qualificação e motivação para ultrapassar o estado decaído em que tantos seres humanos jazem.

O arranque destes movimentos tem de partir de homens em níveis de maior desenvolvimento, é certo; mas, atingida a velocidade de regime, não pode dispensar-se a intervenção dos próprios que urge desenvolver. «O caminho de progresso interno que pode ser conseguido com a participação de todos os que tenham condições para tal, constitui, portanto, um contributo real, talvez o único sensível e sério, para a melhoria de condições dos que sofrem e morrem de fome mais longe de nós.»

Nesta linha de pensamento conclui-se a relação de proporcionalidade directa entre o grau de descentralização das acções e o nível de bem-estar económico dos cidadãos. Quanto mais regionalizado for o poder, mais estes têm oportunidades de participação na resposta eficaz aos problemas que os afectam, mesmo que só indirectamente, pois que «a ninguém poderá aproveitar a debilidade dos que poderiam e deveriam ser mais ricos». Este parecer é confirmado por um especialista citado, Danil Bell: «Os governos tornaram-se demasiado pequenos para resolver os grandes problemas e demasiado grandes para encontrar resposta aos pequenos problemas.»

Se assim é no campo mais especificamente económico em que decorre qualquer processo de desenvolvimento de popula-

ções, mais ainda no sector das actividades de apoio social, sobretudo na assistência e na educação, «onde o Estado se revela incapaz de resolver todas as necessidades existentes».

Aqui, as unidades de pequena e média dimensão empreendidas por um ou por poucos com a participação voluntária de muitos que tornam possíveis as suas realizações, conseguem uma rendibilidade e, principalmente, «um calor humano que, na assistência e na educação ou em qualquer outro domínio, constitui um requisito básico de bem-estar e promoção humana».

A terminar esta síntese, após a qual, hoje, me deterei, transcrevo integralmente o parágrafo final do trabalho do Professor Manuel Porto que, conforme à intenção geral destas Jornadas Teológicas de celebrar Pai Américo no seu centenário, situa a sua pessoa e a sua Obra no quadro ideológico mais amplo até aqui descrito.

«Em toda esta lógica, a vida e a Obra do Padre Américo aparecem-nos com uma actualidade que antes, talvez, não tivesse podido ser devidamente avaliada.

Tendo sido ele mesmo um trabalhador, respondeu a um apelo profundo de dedicação aos outros. Não era, de forma alguma, pessoa para se satisfazer com 'boas intenções', numa cómoda posição de retórica fácil, preferindo, antes, lançar mãos a uma Obra de doação e sacrifício.

Para além disso, já nessa época teve bem a noção do valor do contributo pessoal na

construção da Obra e na formação dos jovens a quem era dirigida.

Embora beneficiando do apoio financeiro de todos os que, com a sua palavra e com os seus escritos iam sendo sensibilizados, foi construindo uma Obra, independente de favores públicos, que em boa parte se ia sustentando com a sua própria produção. Fugiu, assim, a uma mera lógica de repartição e subsídios, incapaz de levar à solução dos problemas, de maior profundidade e exigência, que se põem tanto a nível mundial como nacional.

Nesta linha, os gaiatos foram, desde o início, vistos não como objectos de misericórdia e apoio, mas sim como futuros Homens, na sua plena dignidade, capazes de participar com o seu trabalho no seu sustento e na sua promoção. Atingida a maioria, preparados e conscientes das suas responsabilidades, passaram naturalmente a ser eles próprios agentes de iniciativa e transformação, nas diversas actividades — de maior ou menor relevo social — que vieram a desempenhar.

Por tudo isto, seria difícil encontrar um exemplo mais expressivo daquilo que deve ser a preparação dos Homens no quadro de uma política ao serviço da sua dignidade: podendo dizer-se sem hesitação, com o apoio dos ensinamentos mais recentes da teoria e da experiência e embora com a consciência de que tal nada acrescenta à sua personalidade ímpar de Homem e de Santo, que o Padre Américo foi, ainda, um preclaro economista.»

Padre Carlos

CANTINHO DAS SENHORAS

Cont. da 3.ª página

a guerra, a desordem, a miséria, também passaram pela vida duma criança. Quais as circunstâncias que os fizeram crescer diferentes? Muitas e Deus conhece-as verdadeiramente.

No caso vertente, o Nuno é pequenino, mal sabe falar, tampouco escrever cartas. Em seu nome — e das crianças (que nasceram para amar) — faço um veemente apelo:

— Deixem de construir brinquedos que ensinam a matar!

Estou a ver o sorriso de alguns. Talvez, até, ninguém sorria ou pense que isto é sério...

Quando recebo prendas para os pequeninos, para os «Batafinhas», na época de Natal,

com brinquedos que servem para brincar às guerras, fico triste e, sempre que me é possível, desvio-os da atenção das crianças.

Pai Américo deixou uma lição e um rumo: **Fazer grandes coisas** (as tarefas de nossas Casas) **como quem brinca**. É a brincar que a criança aprende a amar e também a odiar — conforme o ambiente que a rodeia.

Pensem nisto — educadores e fabricantes de brinquedos!

Que dizer, também, dos filmes apresentados pela Televisão?! Há muito que reflectir sobre tudo isso — para bem da juventude.

Isaura (de Setúbal)

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (055) 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Setembro: 70.713 exemplares.